



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO DE CINEMAS E ARTES VISUAIS

REVERTON ROCHA PANTOJA

PROCESSO DE ESCRITA DE ROTEIRO LONGA METRAGEM *SOB NOSSOS PÉS*:

Belém-Pará
2025

REVERTON ROCHA PANTOJA

PROCESSO DE ESCRITA DE ROTEIRO LONGA METRAGEM *SOB NOSSOS PÉS*:

Memorial apresentado ao curso de bacharelado em cinema e audiovisual da universidade federal do Pará como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em cinema e audiovisual.

Orientadora: Jorane Castro

Belém-Pará
2025

Agradecimentos

Reconheço que tive dificuldades muito delas auto impostas, e graças a valiosos conselhos que recebi não houveram ainda mais objeções, como a falta de comunicação com minha dedicada orientadora que poderá, só fui ter minha primeira reunião com a mesma dias antes de minha primeira defesa em TCC I e por ironia do destino quase repetir o erro em TCC II (se é que não o fiz, desculpe Jorane) e meu despreparo com a relação meios técnicos para produzir o material que carregam em mãos, isso foi por conta de meu equipamento pessoal que deu problema e passou muito tempo na assistência e depois de um empréstimo com minha irmã quando enfim o busquei, foi só para dá outro problema 15 dias depois e desde então ainda não o retomei.

No mais eu gostaria de agradecer a minha barulhenta mãe por me colocar constantemente em estado de urgência, minha curiosa irmã por me motivar a não ficar parado, meu saudoso pai por tudo que fez e ainda faz meus professores que foram os mentores nessa jornada acadêmica e a Flavio Campos autor de *Roteiro de cinema e televisão* por me emprestar sua sabedoria, não poderia faltar os agradecimentos à minha orientadora Jorane Castro e a equipe responsável pelos laboratórios do instituto de artes visuais que me viam e tolerava todos os dias ali dentro.

RESUMO

Este memorial visa refletir a respeito da fase de escrita do roteiro *sob nossos pés*, um roteiro de longa metragem ficcional, de 1 hora e 20 minutos entregue para a conclusão da disciplina de TCC. Por conta da característica que envolveu esse processo, desde uma série de problemas técnicos até estratégias de adaptações que o autor precisou tomar para progredir com a escrita, incluindo a pesquisa e consultas executadas em busca de referências e relações com contos e mitos clássicos explorados. Começando pela ideia inicial e destacando cada nova inclusão criativa recebida pelo autor, desde escolha dos nomes até personalidades prestadas e ideias descartadas com mudanças na escrita.

Em seguida quero falar do processo de estudo onde me aprofundei sobre mitos e contos por Joseph Campbell e sua obra *O poder do mito* e a curiosidade despertada pelo assunto, que culminou na leitura de Christopher Vogler em *A jornada do escritor a nova forma* e definitiva que passei a enxergar o mito em minha escrita e as novas percepções inspirada do clássico conto Barba azul e outros, levantei também a relação entre os mitos e o final de *sob nossos pés*, que poderam ser mais subliminarmente explorada e incluídas após a leitura em Vogler.

INTRODUÇÃO

Em uma disciplina de projeto audiovisual, parte da avaliação exigia um seminário onde apresentamos um projeto de conclusão de curso para defender em sala. Confesso que na época não havia passado nem perto de decidir o que fazer mas a urgência me fez pensar rápido, uma realização estava fora de questão, precisaria de recursos, equipamentos e principalmente disponibilidade de pessoas e alguém tão introvertido quanto eu jamais conseguiria conduzir tamanha equipe. (Felizmente depois de um estágio melhorei e já trabalho muito melhor em conjunto)

Já a monografia não saberia nem por onde começar e correria o risco de perder o interesse em breve, e uma pesquisa bem sucedida exige curiosidade, por isso roteiro foi a proposta mais atraente, pois além de me indentificar a proposta parecia mais simples, pense numa estória, crie personagens e diálogos, escreva e edite na formatação adequada, pronto, fácil! (como eu estava enganado).

Eu acredito que dentro da arte, tudo que é escrito ou produzido vai ter um pouco do autor e “*sob nossos pés*” é um pouco da perspectiva de um autor com um apreço por histórias familiares e uma admiração pelo lúdico e o mistério.

Sobre a premissa de se uma família mantivesse um homem preso numa caixa dentro de casa? Trabalhei unir fantasia e conceitos reais com uma narrativa que originalmente foi idealizada de forma bem pragmática, e que acabou crescendo não ao exterior (ao menos não tanto) mas para dentro dos personagens, mostrando seu passado, motivações e a psique para melhor compreensão do porque se comportam desse jeito e se colocaram nessa situação.

A princípio eu tratei a ideia muito mais como algo provisório exclusivamente para a conclusão da disciplina, entretanto após um longo processo de tentativa e erro ocasionando alguns fracassos e frustrações eu decidi voltar a ideia primária que resultaria na escrita de *sob nossos pés*, na época ainda tinha muitas dúvidas sobre como seguiria projeto (demorei a entender como funcionaria a entrega de um projeto avaliativo de roteiro) mas com boa vontade e controle emocional tudo pode se encaminhar.

Um último detalhe a mencionar antes de começar é a escolha do termo estória me referindo a narrativas populares e fictícias e “história” a casos reais e históricos, outrora sempre usei o termo “história” em ambos os casos mas como meu trabalho tem forte

influência de Roteiro de cinema e televisão de Flavio Campos decidi aderir ao termo usado por ele em sua obra.

Ideia inicial

Antes da já mencionada disciplina de projetos audiovisuais, o primeiro insight de “Sob nossos pés” surgiu enquanto eu assistia um episódio do programa *American Dad* sitcom animada criada e escrita por Seth Macfarlane programa que assisti muitos nos anos de pandemia, em certo episódio o patriarca da família Stan Smith é dado como desaparecido e num momento de humor ácido bem característica da série, o personagem Claus (que é um peixe de aquário com a mente de um homem) comemora o acontecido exclamando que agora estava livre, o que me chamou atenção, pois para a audiência é tudo uma comédia mas de forma subentendida, Claus é um prisioneiro na casa dos Smiths, ele que outrora foi um homem livre (Claus foi um esquiador olímpico) agora vive preso dentro de um pequeno recipiente de vidro onde sua locomoção é altamente limitada a água, foi então que a premissa já citada de “sob nossos pés” e se uma família mantivesse um homem preso [numa caixa] dentro de casa, surgiu.

A ideia foi anotada e engavetada por um bom tempo e demorou para ter um motivo para ser resgatada, voltando para o semestre de projetos a poucos dias do seminário onde teria que apresentar uma ideia para roteiro, em uma conversa delicada que tive com alguns parentes acabou migrando para o assunto sobre castigos e relações entre pais e filhos, aquele já longo debate sobre “castigar e educar?” Opiniões pessoais à parte, ouvindo relatos encontrei histórias como a de Samantha e Edgar então fazendo uma conexão com ideia extraída de Claus em *American Dad* logo eu já tinha a premissa e o incidente incitante, e assim a ideia se desenrolou para a sua primeira versão, (versão essa que já ficou pelo caminho) nesse ponto eu já tinha a ideia agora precisaria trabalhar e isso levaria tempo de pesquisa e exigiria referências.

Desafios na rotina

Quando comecei a rotina foi bem árdua, queria me encher de livro de roteiros e dissecá-los para poder compreender tudo e da melhor forma possível a arte da escrita, entretanto no fim não foi possível, passei longe de bater minha meta de leitura, eu costumava levar os livros para casa e exercitava em meu computador pessoal algumas cenas (no caso eu escrevia isoladas, só para poder ver como ficariam) porém meu equipamento que nunca me abandonava deu defeito e desde então passei a depender de computadores da Fav para manter o trabalho, em TCC I e por conta das dificuldades técnicas cheguei muito perto de desistir de entregar, estava planejando adiar ao próximo semestre e quem sabe até pensar em uma estória diferente, após uma conversa com uma professora do curso fui incentivado a continuar.

Boa parte do meu trabalho já estava feito pois guardava desde o início do semestre bem antes de perder o computador, mas precisava definir uma versão final a bancada, então utilizando os laboratórios das ilhas de edição completei e pude entregar a tempo, tive uma reunião com minha orientadora onde ela me instruiu a me comportar na defesa e como melhor apresentar a ideia, depois de aprovado, tive esperança que poderia voltar a trabalhar de casa e fui buscar meu computador no técnico, no que para minha decepção (e já mencionado anteriormente) apenas 2 semanas depois ele volta a apresentar defeito, não podia ser mais decepcionante e no decorrer de TCC II as ilhas de edição da Fav viraram minha segunda casa, estava sempre por lá, tanto para escrever e trabalhar para minha conclusão de curso quanto para outras disciplinas, fiquei totalmente dependente desses laboratórios.

Outro ambiente quase igualmente muito frequentado por mim durante o processo de estudo foi a Biblioteca Central da UFPA, depois de emprestar os livros eu optava por sempre ler por ali pois morando em um bairro distante a fadiga da rotina somada a locomoção no transporte público me deixavam exausto, por isso nas mesas de leituras individuais da B.C com recorrência acabava me dirigindo. Uma estratégia que criei durante esse processo foi de sempre emprestar o mesmo exemplar de livro, a instituição me cedia um exemplar e durante minha pesquisa sempre fazia pequenas marcações com lápis (algo que eu poderia facilmente limpar depois) ou deixava pequenos pedaços de papéis marcando capítulos e instruções chaves no meu estudo e quando o prazo de empréstimo excedia, devolvia e voltava dois dias depois para pegar aquele mesmo livro que deixei marcado, aparentemente os livros do biblioteca central não são tão

requisitados pelo estudantes do curso de cinema, o que faz sentido por conta da facilidade do acesso atribuído a boas ofertas de livro em sites de compras e a popularização da leitura digital, bom para mim que ainda prefiro a leitura impressa.

Animação

Durante a escrita no meu retorno para TCC II eu considerei mudar o gênero para um thriller animado, tendo referências em animações como as do estúdio Laika *Paranorman* de 2012 e *Coraline* de 2009 queria explorar mais o lúdico e o compor elementos mais animados, que viriam muito a calhar numa eventual sequência pensada por mim mas logo mudei de ideia, optei por me manter fiel a ideia inicial mas alguns resquícios da ideia animada permanecem.

O normal e o surreal

Com a ideia do formato animação suspense, eu mantenho essa versão no suspense clássico porém que relacione as referências dos contos, e mitos que Campbell apresentou no monomito, como um padrão narrativo que se repete em todas as histórias de herói (e de lá surgiu a jornada do Herói) a minha proposta é trazer uma premissa que embora algo menos abstrata possa lançar mão de várias referências, menções e indiretas a mito e contos criando uma história que como solução do que segundo Campbell todos os seres humanos têm em comum, a vocação dos mistérios.

A escolha dos nomes.

Definir os nomes foi quase um ponto de partida, não queria escolher nomes avulsos e sim que tivessem significado com a história. Depois de dedicar algumas horas de pesquisa na internet, selecionei os escolhidos.

Diaras significa “dom do silêncio” Isso foi antes de desenvolver meu argumento, eu tinha uma premissa e um final, ainda precisava desenvolver a massa da história.

Então pesquisei por algo que remetesse a segredo ou silêncio, encontrei o nome de origem africana “Diara” e o escolhi como sobrenome da família principal, uma forma

subentendida de dizer “Diaras possuem um segredo guardado a sete chaves e por isso buscam manter o silêncio para não entregar seus mistérios.”

Atila significa “Papai ou paizinho”, um nome carinhoso a um pai carinhoso com sua filha. A relação de bom pai de Átila com Samantha deveria se fazer oposição com a relação de Edgar, queria um nome com significado especial então encontrei no dicionário de nomes Góticos Atila.

Armelinda significado “chefe da casa” Esse foi um nome que mudou conforme obra do roteiro iria progredindo, com o significado de “chefe de casa” entre outras alcunhas, Armelinda de origem Germânica foi escolhida a princípio, e a sua irmã decidi dá o nome de Amélia, um nome que se assemelhe o dela que faz sentido, afinal muitos pais gostam de padronizar os nomes dos filhos, a questão foi que temendo que a semelhança da escrita causasse confusão em eventuais leitores que inclui a bancada do TCC decidi manter o nome Armelinda mas dei um diminutivo de Linda para facilitar a distinção, (Armelia também ganhou o diminutivo de Lea mas só é usado uma vez) em seguida por questões estéticas os nomes das irmãs mudaram novamente e Armelinda se tornou Amelinda e Armelia se tornou Amélia, no caso eu eliminei o “r” por julgar que soa melhor. Quanto ao significado por Linda deixa claro sua posição de liderança na residência dos Diaras.

INT.RESIDENCIA DOS DIARAS-QUARTO DE SAMANTHA-SONHO

Samantha está na mesa com seus pais, Linda está servindo o almoço e Atila vem se sentando.

SAMANTHA
Cadê o pai?

LINDA
(indicando Atila)
Está na sua frente.

LINDA
Não, o do barco.

LINDA
Não tem outro.

Samantha olha para sua mãe em duvida.

LINDA
Come sua comida ou vai ficar de castigo.

ATILA
(intervem)
Querida...

LINDA
Sem discussão!

Diálogo retirado do roteiro de Sob nossos pés

Marino significa "marinho" ou "que veio do mar". A princípio Marino seria o sobrenome de Edgar, por isso escolhi esse nome para remeter a profissão de pescador e também uma pequena referência a Claus de *American Dad*, inspiração original. Mas no decorrer da produção do roteiro o sobrenome ficou com Amelinda e Samantha, então passei Marino para Linda e Edgar ficou sem sobrenome.

Samantha significa **limite**. Entre outros significados limite foi o escolhido por questões narrativas, a primeira ideia que eu tinha para o cárcere de Edgar seria que ele causaria outros males ao casal de Átila e Linda mas o estopim [ou limite] para o casal o prender na caixa seria quando ele agredisse Samantha, tanto Átila quanto Linda teriam sua paciência testada no decorrer da trama e Edgar os provocaria, o ponto que ele bateria em Samantha pela primeira vez é quando o extremo do casal seria imposto, essa versão foi descartada pois culmina com flashbacks muito longos e caóticos, porém mesmo na versão final o significado limite do nome de "Samantha" ainda se mantém com a mesma ideia.

Edgar significa: "O que protege suas posses com lança" aqui eu pesquisei um nome que fosse ofensivo (no sentido de armas não palavras) e passasse uma ideia de ataque. Edgar é agressivo com sua família e conforme se mantém preso na cela de madeira do porão mas degradando e se torna ainda mais selvagem, pesquisei um nome que passasse a ideia de alguém ameaçador e assim com Armelinda, Edgar também tem origem Latina/germânica. Como já explicado antes, a princípio o sobrenome Marino cabia a Edgar no entanto após ser o tomado ficou sem clã pela maior tempo da etapa de escrita e só foi ganhar um sobrenome na reta final, quando escrevi a cena de flashback de Linda e Edgar no casamento onde o sobrenome do homem é brevemente mencionado. Decidi entregar o sobrenome Citrino, sem nenhum motivo especial.

Referências de Thriller

O mistério da casa.

A primeira referência que me veio à mente durante a pesquisa foi *A orfã* de Collet-Serra, o thriller sobre uma menina misteriosa que esconde um segredo terrível de seus pais me foi

grande inspiração para procurar um tom sombrio e incógnito a estória e o plot twist [de a órfã] no final me motivaram a guardar a surpresa da revelação de Edgar no porão para o terceiro ato, o que a princípio parecia ser uma grande sacada com revelação, e conclusão com um conflito na casa em chamas.

Entretanto uma série de dificuldades criativas me vieram em seguida, no argumento inicial a narrativa era muito mais focada em Samantha, e teria ela na escola conversando com professores e até uma terapeuta, os pais de Samantha eram rasos e a participação bem reduzida com o mínimo de exploração entre eles. O enredo da suposta assombração já existia e era a trama principal [que como sabemos era Edgar preso no porão] os flashbacks eram bem mais difíceis de encaixar e iam de confusos para ilógicos, quanto mais eu tentasse dar sentido mais ficava óbvio a identidade do suposto fantasma, o narrador o tempo todo ao lado de Samantha conduziria as descobertas para serem revelados ao público na medida que a garota iria descobrindo o que acarretou com o enredo se tornando inverossímil, ficou até bem bobo mais parecendo um episódio de *Ivy e Bean* do que um thriller.

Atila como pai.

Outra referência do gênero foi o suspense de M. Night Shyamalan *O corpo fechado* em especial a relação entre o protagonista David Dunn (Bruce Willis) com seu filho Joseph Dunn, um elo de confiança entre pai e filho que começa com incredulidade por parte do patriarca foi o que me deu a conexão que estabeleci entre Átila e Samantha, criei uma dinâmica onde a filha se sente mais à vontade na presença do pai, eu queria que eles brincassem juntos e sem julgamentos aos pequenos conflitos da garota, que Samantha se sentisse confortável em expor as ideias com o pai que seria como seu nome indica um pai bondoso [lembra do significado dos nomes] e menos com a mãe que teria uma personalidade bem mais áspera e severa.

Amelinda como [ex] esposa vingativa.

O terceiro filme que me ajudou a construir os personagens foi *garota exemplar* de David Fincher, Amy Dunne (Rosamund Pike) uma esposa fria e objetiva que não tem medo de tomar a frente e se motiva contra o marido Nick Dunne (Ben Affleck) negligente destruindo a imagem e o psicológico foi o que me inspirou com a personalidade de Amelinda (ou

Linda) que já farta dos abusos de seu (ex) marido Edgar, articula uma punição a ele, o torturando com a fome e o transformando em um animal enjaulado, isso tudo para proteger a filha e ao mesmo tempo garantir a vingança por toda infelicidade que ele a proporcionou.

Edgar selvagem inescrupuloso.

Sobre a premissa ou ideia inicial de Sob nossos pés envolver Edgar preso numa caixa dentro da residência dos Diaras, embora esse conceito sempre teve a inspiração em Claus de *American Dad*, inclusive foi dessa inspiração que o coloquei como um pescador e incluí a citação de Átila no momento que o capturam pela primeira vez no porão quando Átila o chama de peixinho dourado, nas palavras dele,

“Não queria ser tão extremo, mas agora será nosso peixinho dourado.”

Atila Diara

Quanto a referência para o comportamento maléfico e frio de Edgar com relação ao bem estar de seus familiares e terceiros vem do personagem Barba Azul do conto francês de *Charles Perrault*.

Construção

Flavio Campos compara a vida a uma maçaroca de espaguete, e uma estória as tranças, os fios de macarrão você vê uma ponta ela some macarronada adentro, você vê outra logo também some e assim sucessivamente, nas tranças você ver os fios sumirem, mas eles somem juntos, na mesma direção, depois aparecem e somem novamente juntos, de forma que logo você pode prever onde aparecerão num ritmo constante que vai terminar numa fita ou presilha de cabelo que é mais comum por aqui, mas entre vida, estória, espaguete e tranças os fios seriam o que? Aí entra a narrativa.

Citando Campos.

Massa de estória que você se refere quando diz “Tenho uma estória para contar mas não sei por onde começar”. Aqui você está a experimentar os prazeres e as dores de organizar numa forma narrativa de estória.

Flavio Campos

Escolher o fio (narrativa) que vai seguir como principal ponto não foi tão fácil quanto previ, Samantha foi a primeira hipótese mas trabalhar uma garotinha no protagonismo é uma faca de dois gumes, ao mesmo tempo que ela carrega um apelo maior que vai fazer o público se identificar e simpatizar, para manter a verossimilhança narrativa a jovem precisa de certas limitações na personalidade e escolhas, ela não pode ser tão inteligente mas não precisa ser tão ingênua, os movimentos precisam de coerência com o espaço que seus pais permitem que ela tome e se estamos falando de um suspense é ela que se torna o personagem mais vulnerável da escrita, por esse e outros motivos decidi mudar sua posição de principal para coadjuvante, seguindo com seu agora arco secundário por meio do recurso do narrador onisciente. Enquanto o protagonismo agora ficaria com seus pais.

Narrativa ritual

Uma rápida explicação sobre narrativa ritual e jornada, na narrativa jornada, é explicado em *Roteiro de cinema e televisão*, que seria quando no chamado à aventura o protagonista se lança para a estória a fim de alcançar um objetivo e trazer equilíbrio ao mundo comum se mantivesse o fio da estória (ou ponto de foco da narrativa) em Samantha esse seria o tipo de narrativa em *Sob nossos pés*, porém com a escolha de colocar o narrador em Átila e Linda, acabou por configurar a trama pelo que Flavio Campos chama de Narrativa ritual, uma onde o herói tem seu mundo invadido por um incidente e agora busca recuperar o equilíbrio.

Em estórias modernas é comum os personagens carregar mais de um arquétipo e a curiosidade de Samantha acaba por tomar uma posição de antagonismo com os interesses de seus pais, a menina procura descobrir o que existe escondido pela casa e seus pais insistem em impedi-la com desculpas [foram os ratos eles dizem] e represálias como o momento que Edgar se irrita com ela que a faz chorar ou na lembrança quando ele pergunta sobre o que aconteceu a Edgar e Linda afirma veementemente que ele não existe.

Com a mudança de ponto de foco também a estrutura narrativa mudaria, o narrador deixaria de acompanhar Samantha e a investigação sobre o mistério do fantasma e agora o fio da história seria conduzido por seus pais que foram os responsáveis pelo encarceramento e prisão de Edgar, sobre o ponto de vista deles o mistério do fantasma seria solucionado pelo público ainda no primeiro ato e a surpresa é substituído por suspense, o público tem essa informação muito antes de Samantha e agora a questão não é o que Samantha vai descobrir e sim como ela e os demais personagens irão reagir após a descoberta.

Algumas exigências auto impostas pelo autor, o casal protagonista mesmo com um caráter tão duvidoso e atitudes questionáveis era importante que eles se amassem e existisse um sentimento de proteção e lealdade um pelo outro, Átila externamente demonstrava ser mais sensato preocupado constantemente contendo Linda quando está demonstrava impulsividade em eliminar Edgar. Mesmo que Átila internamente possui uma revolta e mágoa de seu pai por muito tempo ele lutou tentando se conter até que se entregou e passou a direcionar esse sentimento ruim a Edgar, um pai que lhe projetava seu progenitor, mesmo assim ele ainda possui um senso de justiça mesmo que abalado como quando hesita em eliminar Edgar quando tem a chance durante a luta na casa em chamas ou quando encoraja a esposa que devem se entregar às autoridades.

Trama Principal

A escolha se tornou óbvia após a reescrita do argumento, se tivesse seguido com a primeira versão seria a jornada de uma garotinha investigando um suposto fantasma, agora com o narrador seguindo os passos de seus pais, a jornada principal passou a ser manter Edgar preso e o desenrolar da trama no cativeiro, com sua origem, motivações e conclusões, uma massa de estória da trama principal seria.

Dez anos atrás, por volta de 2013 Linda e Edgar se casam mas a ignorância e truculência do marido resultam numa separação, Linda conhece Átila e quer afastar a filha de seu pai biológico, em mais uma entre as inúmeras brigas do ex casal Edgar agride a filha que revolta Linda e Átila que o espancam e o prendem numa grande caixa oculta no porão, Samantha cresce e com influência da mãe esquece de seu pai biológico e se convence que Átila é seu pai, Edgar é mantido vivo preso no porão por cinco anos, onde é torturado

psicologicamente até que um dia no auge de sua gradual corrupção a loucura Átila tenta o matar, que possibilita a fuga do prisioneiro, Edgar provoca uma inundação no porão e um incêndio na casa e em luta com os seus algozes acaba sendo morto, Átila e Linda sobrevivem mas são descobertos e entregues à justiça.

Trama secundária: Relação familiar e o desenrolar desta tramas secundárias está naquela que transita e circunstancialmente é envolvido com a trama principal mas não é o foco do conflito ou do incidente incitante, na estória, separando o arco principal do arco secundário, está a relação entre os Diaras, Átila se esforçando para ser um bom pai fato que vai se tornando mais dramático no decorrer das revelações de seu passado, Amelinda entrando em conflito com o marido sobre a educação da filha, como na cena onde Amelinda enfatiza que ela deve ser consultada quanto a filha ser autorizada a sair e a proibiu de subir em árvores, evidencia que aumenta o peso do plot quando se observa que sob a influência de Amelinda Edgar não existe nas lembranças de Samantha, conflitos na mesa de jantar, romance do casal, todas essas questões acabam por entrar na trama secundária.

Subtrama: A vida de um coadjuvante, mas como na secundária e principal, subtramas também tem início meio e fim, a principal subtrama de *sob nossos pés* é a que diz a respeito do fantasma de Samantha. Subtramas são estórias menores que expandem o universo mas não são totalmente indispensáveis, a menina convencida de seu fantasma no porão procura uma forma de provar o que diz, com sua confidente sendo sua amiga Emily, Samantha elabora um plano para capturar o fantasma com base num livro de contos infantis, uma ignorância justificada por ser uma moça ainda tão jovem, as meninas se reúnem, procuram recursos e traçam um plano para pegar o fantasma, a subtrama se encerra no terceiro ato, quando a menina descobre a identidade do fantasma.

O mundo

Na primeira vez que mostrei essa ideia na disciplina de projetos, fui pressionado a localizá-la dentro do contexto nacional, em especial dentro na amazônia, mas devo dizer que essa nunca foi minha intenção.

Sempre imaginei a história num país e mundo totalmente fictícios, até para poder ter liberdade de justificar certas questões geográficas e ausência de termos e expressões populares, também algumas conveniências da narrativa, ao ter meu argumento avaliado por uma professora no fim de semestre, fui questionado do porque a personagem mãe (Linda) nunca procurou autoridades para delatar o marido e pai abusivo, minha resposta foi que nesse universo, as autoridades são bem mais descomprometidos com a família, é claro que possuo referências a uma realidade Brasileira afinal é a realidade que o autor conhece mas a estória nunca se passou no Brasil, e sim num país e mundo fictício.

Mitos

Quando voltei para TCC II dei início a uma pesquisa para melhor compreender a escrita, e meu primeiro ponto de parada foi em *A Jornada do Escritor: Estrutura mítica para escritores* de Christopher Vogler, porém logo nas primeiras páginas percebi que aqueles ensinamentos tinha com uma forte base o estudo de Joseph Campbell em *O poder do Mito*, minha metodologia consiste em sempre seguir uma ordem de lançamento, e se Vogler aprendeu de Campbell então tomei partida primeiro em Campbell e sua teoria de que todas as narrativas mitológicas compartilham a mesma estrutura básica, desde Pandora e sua caixa a Eva e o fruto proibido o que muda é sempre o contexto, o dilúvio muito famoso na mitologia cristã com Noé, também está presente no grego (Deucalião) e mesopotâmico na Epopeia de Gilgamesh, o criacionismo existe em toda a cultura, não existe civilização que não seja criada por um deus, o apocalipse sempre tão recorrente nas mitologias, como no mito da titanomaquia onde Zeus mandou o fim dos tempos com seus raios sobre as tempestades a fim de eliminar seus inimigos, ou como no livro bíblico de revelação onde relata um armagedon com fogo e destruição trazidos pelos quatro cavaleiros do apocalipse semelhantes ao Ragnarok nórdico que descreve o fim dos Deuses onde Surtur um deus do fogo queimará a terra, e quando Quetzalcoatl uma divindade serpente asteca que amargurada com a negligência de seu povo, os consumiu com um dilúvio, inundações e incêndios. Nos mitos, fogo e água sempre foram a escolha divina de acabar com o mundo.

Depois de minha pesquisa com Campbell, percebi uma certa semelhança entre meu roteiro e O conto lendário do barba azul, a presença do quarto secreto que foi invadido pela curiosidade de uma jovem me deu uma nova ideia de escrita, eu quero que esse

Thriller mantenha sua versão “coerente” (se é que dá para chamar algum suspense de coerente) porém que relacione as referências dos contos, e barba azul é o principal.

Caso a estória não seja conhecida vou passar um rápido resumo.

Barba Azul era um homem muito rico mas que era rejeitado por sua barba azul (e também por ter sido casado outras 6 vezes e todas as esposas desaparecerem) ele faz um acordo com uma mulher que possuía duas filhas que poderia ser casar com uma que a mãe escolhesse dar a ele como esposa, nenhuma das duas o queriam pela sua barba azul então, ele levou a mãe e as 2 filhas para passeios, danças, jantares e caçadas, tudo do mais luxuoso e elegante e logo a filha mais jovem aceitou casar com ele. Vivendo como um casal Barba Azul precisou viajar a negocios e deixou a mulher em casa, ele permitia que ela recebesse seus familiares e amigos e a se divertir com seu ouro e prata, lhe deu as chaves dos cofres, dispensa e qualquer outro ambiente da casa disponibilizou a ela visitar, menos um pequeno gabinete. Depois que barba azul saiu a moça recebeu sua irmã e algumas amigas, mas a curiosidade de ver o gabinete foi tanta que a moça abandonou suas convidadas e foi ver a porta secreta, trancada pela chave ela a abriu e dentro do gabinete encontrou muito sangue e o corpo das esposas anteriores de Barba azul, a moça saiu rapidamente do quarto mas acabou manchando a chave com sangue, aparentemente a chave era magica e sempre que ela limpava a mancha de sangue aparecia do outro lado, Barba azul voltou e pediu as chaves, depois de muito enrolar ela entregou a Chave do gabinete e o marido viu que estava suja com sangue e iria matá-la então a moça pediu um tempo para rezar antes de morrer, Barba azul autorizou e assim que a moça ficou sozinha chamou a irmã e pediu para olhar na torre se os irmãos que prometeram á visitar estavam chegando, o tempo de reza esgotou e Barba azul a chamou por 3 vezes mas ela não descia, até que a irmã avistou os irmãos chegando e a avisou, a moça desceu até barba azul que já se preparava para matá-la quando os irmãos que eram cavaleiros arrebataram a porta e mataram o marido salvando sua irmã. Barba azul não tinha herdeiros então a moça ficou com todos seus bens, uma parte doou para sua irmã se casar com um homem que gostava, outra pagou para os irmãos o posto de capitão e com o demais bens se casou com outro homem que conheceu.

As referências foram se construindo a partir do segundo tratamento, naquela etapa do projeto eu sabia que Edgar estaria preso mas precisava de uma personalidade a ele, a referência original [Claus] não cumpriria esse papel, eu precisava de um vilão trágico, porém que fosse intimidador, alguém que se saísse da caixa ameaçaria todos e logo Edgar se torna o meu Barba azul, o homem grande e ameaçador com coração rígido feito pedra, inclui a cena do casamento para deixar explícito que seu trabalho de pescador conquista a simpatia de Linda e de sua família, cria a imagem de um homem honesto e pai de família trabalhador que no decorrer dos anos de casamento é rompido com Linda

percebendo seu comportamento rude e agressivo, um arco de personagem que emprestei da figura do conto.

A moça/noiva de barba azul empresta características tanto para Linda quanto para Samantha. Para Linda eu criei a sua mãe e irmã porém inverti a ordem, enquanto no conto a personagem principal é a filha mais nova, em sob nossos pés Linda é a primogênita, mesmo assim ambas aprovam Edgar/Barba azul.

Quanto que Samantha se propiciou da imagem da donzela, em barba azul a protagonista é salva por seus irmão que são os cavaleiros responsáveis por eliminar o vilão, coincidentemente ela se assemelha a personagem do conto no seu estado de curiosidade e ação de investigar o segredo na estória e se encontrar aos perigos do monstro, no entanto em sob nossos pés a jovem é resgatada por seus pais que no clímax, eliminam Edgar assim como aconteceu no conto de Charles Perrault, o elemento da chave que destranca a porta secreta manchada com sangue também está no roteiro, nessa citação.

Atila agarra Edgar pelo pescoço e começa a estrangula-lo mas Edgar consegue tirar a grande chave do porão que estava no bolso de Atila e o fere na orelha.

Atila cai.

Edgar pega a chave manchada de sangue e tenta apunhalar Atila com a mesma, quando Linda surge pelas costas e com o cabo de uma vassoura tenta enforcar Edgar, ele acerta um soco no rosto de Linda que cai.

Atila furioso vai para cima e bate o rosto de Edgar no chão, uma briga genarizada começa.

trecho retirado do roteiro de Sob nossos pés

O elemento do cogumelo fantasma é baseado no *Omphalotus nidiformis*, um fungo que tem esse nome devido a suas propriedades Bioluminescentes, a versão real desse fungo é altamente venenoso na nossa estória não, Samantha o leva até dentro de casa mesmo depois de perder os pirilampus e estragar seus planos a menina decide seguir em frente até que num susto cai ao chão e o cogumelo se espraça em pedaços que caem pela fissura do chão e iluminam o piso do porão, mas tarde esses pedaços também salvarão a vida de seus pais, a menina encontra a porta oculta e como no conto de João e Maria os pedaços do cogumelo indicam o caminho após se espalharem pela escada até a casa da bruxa ou aqui a caixa de Edgar e o segredo que seus pais tanto a escondiam.

A amiga de Samantha.

Quando Samantha está na escola ela rega uma flor íris azul, não foi por acaso a escolha de detalhamento, íris azul ao mesmo tempo que faz referência à barba azul também ao conto da flor azul, nas palavras de Emily.

Essa aqui [a flor] me lembra um conto que li, sobre um príncipe que cultivava uma flor que cresceu de uma semente trazida por um pássaro gigante. Uma fábula com lição de moral no fim.

Emily

Emily foi a melhor forma que eu conseguir incluir citações a contos no roteiro, criei uma amiga para Samantha que é uma garota inteligente e entendida de leitura, Samantha até ressalta a inteligência de Emily em alguns pontos da estória. Emily indica a Samantha o livro de contos juvenis onde está a estória que descreve como caçar fantasmas, ela também menciona casos que sua avó conta para Samantha ouvindo revelação de sonhos e até menciona o submundo na conversa indicando que conhece mitologia, diferente de Samantha que até menciona errado o nome.

Emily demonstra interesse pelo caso do fantasma de Emily pois é o tipo de assunto que a fascina, essa garota foi o recurso narrativo ideal para acrescentar de forma mais bastas as referências entre mitos e contos.

EMILY
Tipo o submundo?

SAMANTHA
É tipo o subimundo, e lá estava o
fantasma pedindo ajuda.

EMILY
(desce do galho)
Interessante, minha avó me dizia
que fantasmas se comunicam com a
gente pelos sonhos e podem até
pedir ajuda.

SAMANTHA
Então o fantasma veio mesmo me
pedir ajuda.

trecho retirado do roteiro de Sob nossos pés

O final.

O incêndio no fim foi pensado com antecedência, em *roteiro de cinema e televisão* Flávio Campos escreveu.

Toda estória que faça jus a esse nome deve ter o seu final elaborado antes de qualquer outra coisa.

A ideia de uma conflito numa casa em chamas veio quase automaticamente, porém na primeira versão ninguém morreria no incêndio, após ler Campbell enxerguei o fogo uma forma ideal de dizer que acabou, e daqui para frente é só cinzas, e com a inundação no porão acabou se criando essa dinâmica de fogo e água, elementos naturais com opções ambíguas de final.

Toda a cena final é subjetiva, se a residência dos Diaras é um mundo agora esse mundo está chegando ao fim, o apocalipse colapsou sobre ele e os deuses têm que sobreviver.

Ressurreição.

Em Jornada do Escritor de Christopher Vogler entre o caminho de volta e o retorno com o Elixir existe a etapa conhecida como Ressurreição, uma etapa em que o herói precisa morrer para voltar mais forte e trazer uma mudança no clímax, trazer uma definição e esquecer qualquer dúvida.

Átila diz a Edgar sobre tomar cuidado com o encanamento já que a parte elétrica no porão pode resultar em curto e causar a morte do prisioneiro, ao final ironicamente foi Átila que após ser nocauteado chegou mais perto de terminar morto pela descarga elétrica, se não fosse a ajuda de sua esposa que o salvou.

Átila e Linda estão presos no porão, depois da luta anterior com Edgar que terminou com Átila desmaiado e Linda ferida, as águas sobem, as luzes se apagam, tudo fica na escuridão porém por pequenos pedaços do cogumelo fantasma espalhados como migalhas de pão nos degraus Linda consegue localizar a escada, ela percebe que a parte elétrica foi comprometida, irão morrer se não sair dali, as águas (como num dilúvio)

crescem e Linda arrasta seu marido pelos degraus da escada, mesmo preocupada com Edgar escapar e sua filha está a sós com ele nesse momento é Átila quem precisa dela, se esforçando no último segundo ela consegue subir com ele para a escada, antes que a eletricidade (os raios de Zeus) os eliminem como fez com os titãs, na mesma cena destacam um rato que está naquele porão e morre eletrocutado para ter certeza que os riscos eram reais.

Ao chegar ao topo da escada, ela sente a fumaça, sabe que sua filha está vulnerável a Edgar, ela força a portinhola do porão mas os móveis acima bloqueiam, o medo e preocupação crescem sobre ela quando o herói caído se ergue, Átila agora com as forças renovadas e convicções estabelecidas, força a porta do porão e juntos o casal consegue escapar.

Ao chegar no térreo da casa, a encontram pegando fogo, podemos dizer que escaparam do dilúvio e dos raios de Zeus sobre a água para entrar no apocalipse, fogo caindo do céu e Surtur com sua espada queimando a terra, e assim o casal de heróis trágicos precisa sobreviver ao fim do mundo que conhecemos como residência dos Diaras. Linda vai procurar sua filha enquanto Átila se encarrega de procurar Edgar e lidar com ele, toda a dúvida foi embora, agora ele é o que seu pai o criou para ser, um monstro.

Segundas interpretações também cabem a água sendo associada a renascimento, quando Jesus foi batizado nas águas por São João ele diz que ninguém poderá alcançar o reino de Deus sem nascer da água e espírito, Edgar a partir da água que inundou seu cativeiro foi capaz de renascer e chegar ao reino de Deus [térreo] porém uma pessoa tão cruel como ele pensa encontrar o paraíso mas logo se descobrir está no inferno [ou apocalipse] e quando tenta forçar os portões para fugir os encontra trancados, isso alude a em meio a fumaça uma alma que sacode os portões do submundo tentando fugir da perdição.

As águas que Edgar renasceram e pode enfim sair livre de seu cativeiro marcaram a primeira morte dos heróis, a punição divina por seu crime. E as chamas que penalizam Edgar ao fim foi onde Átila e Linda puderam renascer e se erguer ao fim do mundo.

O confronto pela casa em chamas seria como o armagedom desse conto e como no Ragnarok nórdico em que ao fim da guerra os dois lados acabam por destruir um ao outro. No final do mito nórdico do Ragnarok, Odin e Thor, os deuses pais do panteão nórdico acabam morrendo e no novo mundo que se cria pós Ragnarok os filhos de Thor guiam a

humanidade em sua reconstrução, ao fim do conflito na casa em chamas Átila e Linda ficam entregues à mercê da justiça e penalidade por seu crime e Samantha a filha do casal agora teria que seguir sem eles para a sua própria reconstrução, Samantha é a humanidade. E isso faz os seus pais Deuses no conflito.

Átila como o herói

Embora o protagonismo seja ambíguo e compartilhado pelo casal, Átila foi pensado para ser aquele que carrega as principais funções dramáticas no herói clássico, identificação do público, crescimento e sacrifício. Átila é o personagem altamente falho, ele ama sua filha e ama a esposa, exemplificado muito com as constantes tentativas nada sutis de fazê-las sorrir, também tem seus momentos de insegurança onde quer ajudar e fazer a família feliz, porém ele também precisa de aprovação que reflete muitas vezes no seu relacionamento com Linda, isso é ilustrado várias vezes como na cena dos fogos, e a submissão na mesa quando Linda o repreende por Samantha ter se machucado ou também quando somente observa de longe enquanto a mulher se resolve com a vizinha mãe da criança que se machucou durante o aniversário de Samantha, Átila busca se provar e a validação da esposa que ele tanto confia ou a fragilidade que é tentar carregar o fardo de seus conflitos internos sem nunca transparecendo, o que o humaniza, todo pai faz isso. Assim como Samantha, Átila também tem um passado conturbado na relação com seu pai, e isso o provoca uma revolta tão grande que quando vê Edgar agredir a menina, ele se identifica com ela e quer proteger a garota. Ele busca equilíbrio mesmo na tensa situação onde se colocaram aprisionando Edgar, coloca limites quando se dá conta da gravidade de suas reações, é determinado porém inseguro, forte de corpo porém fraco de coração, ao levantar a voz para Samantha ele causa um choro na garota que sentia sua confiança traída pois via seu pai como seu confidente, aquele momento partiu o coração e a única reação que o homem teve foi de pedir desculpas e abraçá-la, as ambiguidades e conflitos no personagem é o que o aproxima de uma pessoa real. Em seu crescimento eu tomei a decisão de apresentar Átila como um pai simpático gentil mas ao mesmo tempo animado que sempre queira proporcionar o melhor de felicidades as suas.

SAMATHA
Quero me divertir, desejo
aventuras.

LINDA
Isso eu não posso te dar.

ATILA
Eu posso!
(interrompe o pai)

trecho retirado do roteiro de Sob nossos pés

Átila é tão contra o conflito que transparece a ideia que seu pai era um homem correto assim como ele, por isso mantém com carinho fotos do progenitor o que faz Amelinda acreditar que de fato é digno que teve uma boa criação, no decorrer da história após uma visita a Edgar na caixa Átila é atacado e olhando profundamente nos olhos do prisioneiro se chocou pois avistou os olhos que ele muito identificava em seu pai, numa conversa com Linda eles concluem que é natural Edgar viver daquele estado deplorável acabando cedendo a selvageria, desse ponto em diante a se cria uma atenção especial em seus olhos, Átila teme se tornar um homem violento como seu pai ou Edgar mas o estresse e pressão para manter o prisioneiro sob controle enquanto que sua esposa deseja o eliminar o mais rápido possível o fazem aos poucos dá espaço a esse lado ruim que ele guarda, Edgar foi o primeiro a enxergar essa face oculta em Átila, ele viu o lado seu ruim e usou isso contra seu inimigo até fazê-lo perder totalmente o bom senso.

Depois de ter seu rosto ferido com o vidro por Edgar, Átila se entrega totalmente a esse lado mal, então ele vai visitar o túmulo do seu pai no cemitério, naquele momento simbólico ele queima as fotos também crema aquele seu lado pai exemplar, que tanto se esforçava para transparecer.

Mas foi a partir do momento de sua ressurreição que o crescimento do personagem atingiu seu ápice, o carinhoso pai de família se torna um monstro no ponto que sai do porão, dessa vez sem hesitar e fere o peito de Edgar usando a arma do adversário contra o próprio e com toda sua fúria o vai finalizar com as próprias mãos isso se Edgar não se agarrasse a única chance que tinha, utilizando a chave do porão para ferir e escapar da morte ao menos momentaneamente, pois na conclusão Átila mata Edgar e mesmo entre as chamas segue castigando o corpo só sendo interrompido quando Linda o puxa para fora dali.

E por fim a jornada de Átila se encerra quando o personagem depois de eliminar o algoz e ter sua vingança por Samantha ele ver sua casa queimar, Linda sugere uma estória de legítima defesa mas Edgar a rejeita, naquele momento final ele quer assumir a

responsabilidade por seus atos. Uma característica do herói clássico é o sacrifício, Edgar se entrega às autoridades junto de Linda para não ter mais que guardar seus segredos sombrios, agora estaria enfim livre.

Epifanias de Samantha

A personagem de Samantha no decorrer do processo sempre foi pensada em ser uma garota de uma imaginação fértil, o que influencia sua teoria do fantasma da casa, mas no decorrer do processo essa qualidade eventualmente foi crescendo.

Por extensão, “epifania” passou a significar a narrativa de uma revelação-divina ou mundana.

Flavio Campos

A cena do incidente de bicicleta foi o primeiro momento de delírio planejado para ela, Samantha após o incidente da bicicleta, quando visse seu rosto sangrar teria um momento de anamnese onde por um breve instante uma imagem de sua infância traumática viria à mente, e por isso na imagem do zelador bem intencionado veria seu pai opressor Edgar, o que faria entrar em pânico, mesmo assim ela não o identificaria e seguiria insistindo na existência de um fantasma que apenas ela o ver.

Na cena do sonho de Samantha foi algo pensado em última hora, a princípio nessa sequência estaria Samantha acordando durante a madrugada e encontrando uma sombra projetada na parede que interagiria com a menina, cena que poderia ser muito bem receptiva se mantivesse a proposta em animação porém em live action entendi a cena demasiadamente confusa, principalmente por ser no começo então a substituir com um sonho por considerar algo mais coerente com o momento, e na sequência vem a epifania onde ela se vê perguntando por outro pai além de Átila até que sua mãe insiste para que pare, a cena em questão foi a início pensada como um flashback mas já considerando excessivo o uso do recurso então a adaptei num sonho quando na verdade se trata de uma lembrança, do seu primeiro ano com Linda e Átila antes de sua mãe a doutrinar e a levar a se convencer que Edgar nunca existiu, a cena se estendendo e mostrando a silhueta de Edgar no porão amordaçado mesmo que ela nunca tivesse descido ali ou

lembrasse dele enfatiza uma conexão ao sobrenatural, ela o viu em seu sonho como acontece nas revelações divinas dos mitos.

Até o final do século XIX, a palavra epifania!” manteve este significado: manifestação através da qual uma divindade revela a sua existência.

Flavio Campos.

Com o tempo a menina acaba por de fato esquecer seu genitor, se convencendo totalmente que Átila sempre foi seu pai, isso também é reforçado na cena do bosque, onde Samantha tenta se lembrar de sua mudança na infância para a casa atual e tem pequenos flashes de sua juventude ao fim ela avista Linda queimando lembranças de Edgar e instruindo a filha a não pensar nisso. Logo sem a possibilidade de conhecer ou lembrar de Edgar a revelação da sua existência veio por semelhança a uma revelação divina que incentivou a garota a descobrir sobre o fantasma, o que por sua vez criou um evento em cadeia que resultou no terceiro ato. Nos mitos é comum a estórias onde deuses causam pequenos movimentos que causam grandes repercussões e mudanças, a deusa Éris apenas deu uma maçã e logo em seguida culminou a guerra de troia.

No desenvolver do roteiro Samantha foi pensada como um narrador não confiável, os eventos que presenciara ficariam dúbios semelhante ao personagem Arthur Fleck (Joaquin Phoenix) de *Coringa* por Todd Phillips, a manifestação da dualidade de sua razão seriam exemplificada por meio de sombras, que seriam devidamente justificadas.

Sombras: Na jornada do escritor de Christopher Vogler, a imagem da sombra é associada a antagonista, o vilão oposto do protagonista, mas também pode representar uma função psicológica.

As sombras podem ser todas as coisas que não gostamos de nós mesmos, todos os segredos profundos que as pessoas não conseguem admitir sequer para si. Christopher

Vogler.

Durante a lembrança em forma sonho de Samantha a imagem mostra uma silhueta amordaçada no porão que sabemos se tratar de Edgar, as epifanias de Samantha estão sempre (ou a maioria) acompanhadas de sombras, com a ética questionável que seus

pais carregam, Samantha é a única heroína clássica (aquela de virtude totalmente boa) nessa trama, logo as sombras estão se opondo diretamente a ela (no caso literal).

Os traumas da jovem causados por seu pai agressor agravaram-se com a diligência de negação de sua mãe, após os eventos que resultaram com Edgar preso, Amelinda fez um esforço de pressionar a filha a esquecer seu pai agressor, queimando lembranças e repetindo para ela que Átila era seu pai, essa repressão acabou por causar um estado de psicose aleatório, como na cena da bicicleta onde um sussurro atrai sua atenção e ela vê de relance um vulto na cerca antes de bater, e na cena do lago onde seu rosto é projetado uma sombra sorridente, as sequelas do trauma de Samantha mesmo ocultos ainda vêm a tona de forma quase aleatória, quando ela estava indo para escola avistou um vulto na janela de seu quarto, as sombras de Samantha nada mais são do que o interior dela se manifestando a seu exterior, e isso associado ao segredo que os Diaras guardam em sua casa trouxe uma convicção a menina na sua busca por um fantasma, embora os sons dos canos fossem reais, isso não foi o único motivo de motivá-la a tamanha empreitada, se Samantha tinha tanta fé num fantasma foi porque ela o viu ou ao menos viu algo que muito pode se confundir a uma aparição sobrenatural, Samantha via a ela mesma ou uma projeção de sua caótica mente.

Canos

Os ruídos entre os canos já eram um elemento desde a primeira versão do argumento, quando Samantha cheia de classe e ousadia desbravava as paredes em busca desse “fantasma” outros elementos foram eliminados como assobios e bater de palmas pois não faziam sentido, se ela pode ouvir um assobio poderia ouvir um pedido de socorro quando ficasse sozinha em casa. Os sons propagados pelo cano foram o único meio de comunicação entre a garota e o prisioneiro que sobreviveu à segunda versão, uma vez que não dependeram de contato direto apenas que estivessem ambos em pontas opostas do sólido. Além disso apresentar a precariedade do encanamento também serviu para um segundo recurso, como dito os Diaras são receosos em receber técnicos e empreiteiros em casa por temer serem descobertos com Edgar preso, por isso muito dos reparos internos são resolvidos por Átila, entretanto como dito, encanamento não é sua especialidade, e isso ocasionou uma grande tubulação exposta, que ao mesmo tempo

que justifique a presença do único meio de comunicação entre o prisioneiro e a garota também serviu como uma arma de Chekhov, apresentando com antecedência um problema estrutural da casa que resultaria na inundação no clímax.

Considerações finais.

Eu decidi começar as considerações finais com a pergunta, o que entrar no curso de cinema significou para mim? E me surpreendi com a dificuldade que é responder essa indagação, eu entrei no curso após a segunda tentativa e não era minha primeira opção mas foi onde os céus me queriam, eu tinha um apego grande a obras mais populares e pouco me interessava em cinema alternativo, talvez isso seja um ponto comum entre muitos ingressos, porém o processo me mudou, quanto mais eu pesquisava mais eu tinha interesse em ver filmes cults e os ditos obrigatórios, o espírito da cinefilia precisa ser alimentado, e para manter o vigor se afastar por tanto tempo de conhecer e viver o cinema é um luxo que não pode se dar, por um certo tempo na universidade eu me acahava dizer qual meu curso, quando alguém perguntava eu dizia ser da comunicação e não especificava ser do cinema, pois a resposta direta gerava outras perguntas que me deixavam desconfortável, com o cinema e audiovisual na UFPA aprendi que em teoria, teoria e prática são iguais, na prática, não, me dediquei muito em sala de aula e consegui um histórico que até esse semestre era perfeito, zero reprovações, as dificuldades no último seis meses me obrigaram a sacrificar demandas para preservar as prioridades e nesse semestre minha invencibilidade acaba, é frustrante reconhecer mas minha experiência me ensinou que se tem jeito a gente dá esse jeito, se não tem jeito, não tem jeito.

Escrever sobre nossos pés representou colocar em prática a teoria que eu tanto percorri para aprender, todas aquelas horas trancado na ilha de edição na companhia de Átila, Amelinda e Samantha me foram muito sobrecarregadas, abri mão de comer e até sacrifiquei a presença em sala de aula para perseguir o tempo perdido, as consequências vieram mas ao fim me sinto grato, Sob nossos pés meu roteiro de longa de 1 hora e 20 minutos está entregue, sei que não é perfeito mas eu dei o melhor de mim, isso deve bastar.

Sob nossos pés é minha visão elementar de um mistério com personagens cheios de personalidade e vividos, ao menos para mim, ele apresenta e discute de forma entretida assuntos imorais e graciosos, um tema tão pesado e que ainda abre discussões constantes mas que é seguido por uma inocente jornada recreativa e brincalhona de uma garotinha caçando um fantasma imaginário.

A mesclagem e combinação entre mitos e contos me foram uma alternativa de tornar uma história mais rica e perspicaz, e não pretendo parar aqui, a semelhante perseverança que

dediquei em escrever pretendo inclui na empreitada de realizá-lo, não prometo uma data mas vai acontecer.

No mas a jornada de TCC me foi o clímax de uma narrativa acadêmica, onde pude sentir os desafios e guardiões dos limiares mais próximos do que nunca com sua pressão e sua influência, foi a experiência mais significativa do curso e mesmo que eu julgasse que não conseguiria completar mantive a fé em concluir esse trabalho.

E que me sirva de aprendizado para sempre buscar o esforço máximo no decorrer de minha jornada profissional.

Referências

CAMPOS, Flavio de, 1948- **Roteiro de cinema e televisão**: A arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma estória/ Flavio de Campos.-3.ed.-Rio de Janeiro:Zahar,2011.

Vogler, Christopher. **A jornada do escritor**: estrutura mítica para escritores. Ilustrado por Michele Montez; tradução Petê Rissati.-3.ed.-São Paulo: Aleph,2015

Campbell, Joseph, **O herói de mil faces**- 3.ed.-título original: "The hero with Thousand faces"/1949 Princeton University Press

Campbell, Joseph, MOYERS, Bill. org por Flowers, Betty Sue, **O poder do mito** - título original:"The power of myth"/1985-1986-Copyright © 1988 by Apostrophe S Productions, Inc. e Alfred van der Marck Editions. Publicado por Doubleday, uma divisão da Bantam Doubleday Dell Publishing Group, Inc. Preparação de originais: Therezinha Siqueira Campos – Lúcia Cardozo de Mello. Revisão de provas: Lucia Benfatti Marques – Isabel Cristina M. de Azevedo. EDITORA PALAS ATHENA, 1991

Filmografia

American Dad

Coraline e o mundo secreto

Corpo fechado, O

Garota exemplar

Órfã, A

Paranorman